

# Que Tipo de Educação Deve Ser Apoiada pelo Estado?

Segunda-feira, 08 de Dezembro de 2003

*Sucesso dos EUA sugere que, se nos quisermos preparar para equipar a nossa força de trabalho para saber lidar com novas tecnologias e sermos capazes de inovar, os investimentos em Portugal terão provavelmente que começar a enviesar-se no sentido da educação generalista*

## Pedro Conceição\*

O debate em torno das explicações para o sucesso do desempenho económico dos Estados Unidos da América (EUA) nas últimas duas décadas do século XX prossegue. Agora que os excessos que resultaram na bolha especulativa do final do século começam a ser esquecidos, convém não esquecer ao mesmo tempo o impressionante crescimento económico e a criação de emprego ímpar que ocorreu nos EUA, em especial, na década de 90 (ver texto nesta página).

O que se passou? O que é que pode explicar este desempenho da economia norte-americana que se reflectiu num aumento do "gap" entre os EUA e a União Europeia - invertendo a tendência de aproximação que se verificou do final da Segunda Guerra Mundial ao fim dos anos 70? Como se disse, o debate sobre este tema prossegue, mas há um consenso generalizado que a explicação terá que estar relacionada com a capacidade dos EUA de liderarem no domínio das novas tecnologias.

Embora um vasto conjunto de estudos demonstre que a adopção e difusão de novas tecnologias tem um papel fundamental para explicar as diferenças entre os EUA e a Europa, saber que a explicação está relacionada com a tecnologia não diz tudo. O que é que levou a que a Europa não fosse capaz de aproveitar tão eficazmente as novas tecnologias, quando as diferenças científicas e no acesso a informação e equipamento não são assim tão grandes?

Não há, com certeza, uma resposta simples a esta pergunta. Há quem atribua o mérito à política económica e monetária seguida durante a década de 90 nos EUA (como defende, num livro acabado de publicar, Robert Rubin, secretário do tesouro durante grande parte da década de 90). Outros têm defendido que os EUA têm mercados menos regulados (em especial, o mercado de trabalho, mas também outros) o que permite à economia adaptar-se com mais flexibilidade e rapidez às oportunidades que surgem - designadamente as que a mudança tecnológica induz.

## Descubra as diferenças

Em dois artigos recentes, os economistas Dirk Krueger e Krishna Kumar propõem uma outra hipótese (1). Eles sugerem que a principal causa da diferença entre os EUA e a Europa se relaciona com o tipo de educação em que se investiu nos dois lados do Atlântico, começando por considerar que há dois tipos de educação. Um primeiro cujo conteúdo é mais abstracto, baseando-se em conceitos fundamentais e

compreendendo uma abordagem mais centrada no desenvolvimento de capacidades, exercitando predominantemente raciocínios formais e o estímulo da criatividade (educação generalista). Um segundo mais orientado para competências específicas bem definidas, destinado a permitir a aplicação de conhecimentos em situações concretas e uma qualificação mais especializada (educação especializada). Embora os dois tipos de educação co-existam a todos os níveis de ensino e de formação, a educação generalista predomina no ensino superior, enquanto que a especializada no ensino e formação profissional. Enquanto que os EUA têm a tradição de privilegiar a educação generalista, na Europa, segundo estes economistas, esta tem sido preterida a favor da educação mais especializada.

Até aos anos 80 esta estratégia reflectiu-se na convergência da Europa com os EUA, uma vez que a educação especializada permitiu que a força de trabalho se aplicasse rápida e eficazmente nas actividades produtivas. Mas num contexto em que a mudança tecnológica se acelerou em várias direcções, trabalhadores equipados com educação especializada começaram a não ser tão capazes de responder às novas oportunidades como aqueles treinados com educações mais generalistas. E, neste contexto, os EUA "descolaram" da Europa. Krueger e Kumar contrastam esta hipótese com outras (designadamente, as que se relacionam com diferenças na regulação) e concluem que a sua hipótese é a que melhor consegue explicar a convergência entre a Europa e os EUA de 1950 a 1980 e a divergência nas duas últimas décadas do século XX.

Krueger e Kumar perguntam ainda que tipo de educação - especializada ou generalista - deve ser privilegiada no apoio público. É óbvio que os detentores de educação generalista terão, individualmente e a prazo, compensações mais elevadas do que os trabalhadores com educações especializadas. Mas a educação generalista é também mais cara, especialmente quando se consideram os custos de oportunidade. Indivíduos com recursos (ou sem constrangimentos no acesso ao crédito) investirão, racionalmente, na educação generalista sempre que a expectativa de retornos for superior aos custos, por elevados que sejam. Mas os resultados de Krueger e Kumar indicam que os retornos sociais da educação generalista, e o prazo alongado em que se reflectem, implicam que a política pública ideal deve estar enviesada a favor do apoio à educação generalista. E isto é tanto mais assim, quanto mais acelerado for o ritmo de mudança tecnológica e mais oportunidades de aplicar inovação houver.

Será que, deste argumento, se poderão tirar implicações para Portugal? Provavelmente Portugal tem beneficiado de um período de convergência auxiliado também, pelo menos em parte, nos grandes investimentos públicos em educação especializada (incluindo em formação profissional). Mas se Portugal quiser preparar-se para equipar a sua força de trabalho para saber lidar com novas tecnologias e ser capaz de inovar, então os investimentos em educação - privados, isto é, individuais, mas também públicos - terão provavelmente que começar a enviesar-se no sentido da educação generalista.

(1) Dirk Krueger e Krishna Kumar (no prelo). "US-Europe Differences

in Technology-Driven Growth: Quantifying the Role of Education."  
Journal of Monetary Economics. Dirk Krueger e Krishna Kumar (2003).  
"Skill-specific rather than General Education: A Reason for US-Europe  
Growth Differences?" Working Paper, University of Pennsylvania.

\*Professor Auxiliar do Instituto Superior Técnico-UTL

Colaboração Inteli - Inteligência em Inovação